

# A ILLUSTRAÇÃO



VICTOR HUGO NO LEITO MORTUÁRIO. — O ARCO DO TRIUNFO. — O MARCHO DO CORTEJO.



### V. HUGO JULGADO POR JUNQUEIRO

**I**GNORANTES de todas as idades, mediocres de todos os feitos, pessimistas da agua-morna, audaciosos do capilé, descrentes de pataco — vós todos que sois o bando pôdre, epidemico, cholerico, de portugueses que não tem confiança alguma no que portugueses ainda valem... que ao menos uma só vez na vida se faça em vossos crânios de cartão, para comprehenderm que ainda pode haver um poeta e um portuguez que o charmedo mundo civilizado ignora — que é capaz de dizer mais e melhor do que tudo quanto em França se disse, por occasião da morte de Hugo!...

Melhor, sim, mil vezes melhor do que tudo quanto Paris ouviu, do que tudo quanto Paris poude ler!

Vocês todos vão gritar contra a *infamia* que n'este momento vai correr por esta chronicófóru! Vocês todos vão dizer à França, n'um frances: mascavado, que eu a insulto, que eu enxovalho Paris — este glorioso Paris que produziu Hugo e que enterrou Hugo... como só Hugo devia ser enterrado!

Mas não são vocês que me intimidam. Lá diz o proverbio árabe, que Lesses traduzio diante da Academia francesa: *Os cães ladram, mas a caravana passa*. E eu hei de passar todas as vezes que tiver de dizer uma verdade, sinceramente, aos meus leitores; todas as vezes que que for preciso reparar uma injustiça; todas as vezes que for preciso destruir uma mentira — como esta famosa mentira do chronicista Barros Lobo dizendo soberanamente n'uma carta em frances a Dumas filho — que Emilio Zola tinha recebido 1,500 francos por direitos de traducao do *Germinal*. Ora eu n'isto, farei pêta; e fui a caçada Zola que me autorizou a declarar em seu nome, que apenas se tratava d'uma somma de 300 francos — o que vim, polidamente, dizer ao publico. Esta minha illusão, lança Barros em trás corvaes. Mas não querendo confessar que tinha sido illudido ou que se tinha enganado, o que era naturalissimo, vestiu pseudonyma de *Beldemonio* para me dizer que não faz «chronicas a garotos». Se em Lisboa houvesse, como há em Paris, um syndicato da imprensa para o qual todo o jornalista recorre quando é insultado grosseiramente, sem de modo algum ter provocado um tal insulto, veríamos hoje o sr. Barros Lobo pelo syndicato *mis à l'index* — por insolente! Em compensação, pelo mesmo, correio em que elle me chamava garoto, os jornalistas e os homens de letras de Lisboa nomeavam-me seu representante nos funerais de Victor Hugo. Fiquei vingado do sr. Barros Lobo... Quanto á palavra garoto devo dizer, porque conheço o personagem, porque sei que a insolência aumenta sempre com a covardia, que elle escreveu a palavra sabendo perfeitamente a distancia que vai de Paris a Lisboa... Também não é homem que mereça o sacrifício d'uma tal viagem. Almocreves somos... na estrada andamos... nós nos veremos um dia, frente a frente... talvez mais cedo do que o lobo pensa!

Sim, meus queridos leitores, ali estão os documentos que provam o que eu quero afirmar.

A morte de Hugo só insidiou desconfianças de

Paris artigos mais ou menos vulgares. Os jornais publicados no dia immediato ao da morte do poeta eram tristes da ler — tristes pelos lugares communs de que estavam cheios; tristes pela frieza com que eram descriptos; tristes pelas lagrimas posticas, pelos soluções theatrais que apregoavam... E em nenhum artigo o coração d'um gigante, d'um gigante que viva de dor! Em nenhum artigo o pulso d'um athleta, obrigando uma multidão indiferente a ajoelhar...

E d'uma terra obscura de Portugal é que chegou esse grito, é que se sentiu esse pulso! Victor Hugo ainda produziu, mesmo depois de morto, pelo cérebro d'um outro poeta, uma nova obra-prima!...

Eu li as lagrimas sentidas dos discípulos fieis, de Theodore de Banville e de Catulle Mendès, no dia em que foi anunciatada a morte do sublime velho; os elogios ao semi-Deus, de Armand Sylvestre e de Léon Cladel, subindo em ondas para o céo, ceguas aos fumos azulados que se evolam dos tauribulos para as cupulas das igrejas; os prantos e os soluções dos amigos dedicados, dos companheiros de desgraça e de felicidade, de Vacquerie e de Lockroy; este famoso artigo de Renan, publicado no *Figaro*, onde o philosopho entra no crânio do poeta, e vem dizer no publico o que é a philosophia d'este Artista que acaba de morrer; eu tambem li o ultimo *Adieu* de Leconte de Lisle; o discurso funebre de Floquet, em nome da Camera; de Augier, em nome da Academia... Li-os todos, todos... Mas não li nenhuma lagrima, nenhum *Adieu*, nenhum discurso, que valesse este artigo publicado na *Província do Porto*; — nem um, que pouco a pouco me fizesse erguer da cadeira; que pouco a pouco me fizesse subir o sangue à cabeça; que me obrigasse a lê-lo, a declanar-o em alta voz: gesticulando, chorando, a garganta secca, a voz por fim quasi sumida! Nenhum que fosse este grito de fera implacavelmente ferida sobre os peitos! Nenhum que fosse este choro, meio desalento, meio odio; este puho cerrado voltando-se para o Infinito, e quasi ameaçando Deus por semelhante roubo feito à humanidade inteira!...

E este grito é tanto mais extraordinario, quando se souber que escrever prosa é para Guerra Junqueiro a maior das torturas. Ainda ha pouco tempo me escrevia elle uma larga carta que eu guardo preciosamente, e onde o poeta me dizia:

Não sei escrever prosa. A razão é simples. Trabalho de cor, andando, por acresses. As crises nervosas, que muita gente utilisa para tomar bromuretos, eu emprego-as para fazer versos. Porm' d'esses momentos electriicos, de vibração intensa, em que a obra me vai com a rapidez do relâmpago, d'um jacto, eu sou apenas um semsabor inofensivo, um Z... (não posso copiar o nome do jornalista a quem o poeta allude) como qualquer outra.

Nestas condições escrever prosa, além de ser um tormento, é uma asseira.

Quando em tempo escrevi durante meses folhetins romances para o *Jornal do Commercio* de Rio de Janeiro, via-me obrigado a dictá-los. Unico mal: Sentado, imóvel, com a pena na mão e um caderno de papel virgem diante de mim, sinto-me imediatamente falso, peixe vermelho, X. Z... (aqui, outro nome de jornalista!)

E a essa carta, que para mim vale mais que uma carta de conselho, que eu ainda vou tirar estas linhas, certo como estou de que os leitores da *ILLUSTRAÇÃO* as vão apreciar como ouro do mais precioso quilate.

A vida, meu caro amigo, é um vinhedo precioso que deve ser saboreado a pequenos calices, é que nós embora-nos, nãocarecemos, aos ritmos. Cada dia de vida, cada vinte e quatro horas de existencia que Deus nos concede é como uma folha de papel ambarante, que nos deve servir de encher de belas ideias e nobres pensamentos,

tos, e que nós, com a nossa imprudencia esbanjadora, encorramos a maior parte das vezes ou de borbotões de tinta ou de pingos de caba.

A Arte é a eternidade — e a vida é o minuto.

Mas não é este o tom do artigo acerca de Victor Hugo. Na carta revela-se apenas o poeta escrevendo simplesmente, ao amico de lettres que tanto admira e tanto respeita o lyrico impeccável da *Musa em férias*. No artigo, é o leão que acorda, o leão que uma triste carcassa humana torna igual de todos os homens — é a sera rugindo n'um pedaço de papel d'imprenta... lançando logo, para abrir, este prodigioso grito que em si synthetisa todas as criticas feitas e todas as criticas por fazer:

Victor Hugo, como poeta, encheu o seu seculo até ao ultimo andar. Os outros, quer os que morreram, quer os que ficaram, não de caber todos juntos, e muito à vontade — nem aguas furtadas.

E mais adiante, este arrojo igual a todos os arrojos de Victor Hugo:

Echilo, Virgilio, Juvenal, Dante, Cervantes, Shakespeare e Molière — essas estóias que são um sete-trelo — quizeram um dia conhecer-se, viver reunidas, intimamente, no mesmo predio. Marcaram o dia e o lugar do encontro. O dia foi 26 de fevereiro de 1802. O lugar foi o cerebro de Victor Hugo. E ali está como d'um simples crânio se fez um ninho d'aguias! As sete parcellas enormes deram Hugo, a sombra monstruosa.

Diz-se-ia que Deus, não podendo moldar o colosso d'um só vez e d'uma só peça, o fôra fabricando através dos séculos, rugorosamente — uns bocados!

E não pensem que este artigo é todo elle sublime; que diante de cada periodo se fique boquiaberto — como diante da cosa rara e delicada que nós vemos pelos museus, através dos crystaes das vitrines. Não. Ha por ali muita cosa irregular, muita cosa confusa, escripta n'um momento de alucinacão. Muita cosa que o artista teria illuminado, se o artigo não tivesse ido para o jornal ainda sob a influencia das «crises nervosas» de que elle me fala.

Há logo ao começo esta imagem bem pobre, no meio d'um estylo tão rico:

A existencia litteraria de Victor Hugo é a viagem à roda do universo em 80 annos.

A parte que allude aos *Châtiments* é fraca como critica, é confusa como impressão. Mas toda ella se salva com esta synthese final, esta soberba synthese onde o poeta reunio em dois períodos bem rapidos não só impressão, mas também toda a critica da obra:

O segundo Imperio, essa Comora, foi carbonizado pelos *Châtiments*, essa lavaредa. Sobre a camada da cirmes, tombou do alto uma camada de escartos.

O seculo xix proporciona-lhe a occasião de dizer coisas adoraveis.

A sua obra (a de Hugo) tem todas as grandezas e todos os defeitos do seu tempo. O seculo xix é sobretudo um seculo de critica e de analysis. Tudo se investiga, tudo se observa, tudo se mede, tudo se calcula, tudo se explica. Hoje um sabio decompõe uns Daus, dentro d'uma retorta, em todas as suas organas, tal e qual como uma amostra de mineralio em todos os seus elementos. Ricas ignoradas, ciudades extintas, povos desconhecidos, que dormiram ha milhares ou milhares d'annos debaixo d'um sepulchre impenetravel de cinza ou de granito, são um bello dia desenterrados e reconstituidos para a pena, matematicamente, como um boneco que se pariria. Se faltá alguma, faz-se de novo, e tão perfeita que se não distingue. O nosso seculo fêz o inventario da civilisação. Deu-se um grande balanço d'Humanidade e a Natureza.

Nestas condições o que o artista ganhou em opulência dephantais, em abundância de imagens e em riqueza de ideias, perdendo com sentimentos espontâneos, sua virginalidade nascida e simples de inspiração e de execução. Os círculos, como as casas, atulharam de bric a brac. E este ambo, é píloro, é exótico, é resplandecente, mas no fim da contas é malo ou mauzinho byzantino. A simplicidade grega da o Partenon. A imponéncia faustiana e erudição da grande Ópera de Paris.

Em todo o artigo há destes traços magníficos, destes arranços de genio, como só se encontram na obra de Junqueiro, em boa parte irmão gêmeo da obra de Victor Hugo. E nada mais apreciável no poeta que voluntariamente se exilou em Viana do Castelo, do que esta *paradigmática* desordem de causas tão brilhantes e tão opostas que sempre surge nas suas prosas. Aqui, pedaços de crítica; acolá, mundos de lyriismo; de quando em quando, cascavelento ironias de satyr, por entre as douradas encruzilhadas do estilo; de quando em quando, soltando gritos de entusiasmo, ou gritos de dor, como um desguelo que queimam a fogo lento.

Mas onde o artigo a que aludei n'este cronaca tomo proporções colossais é quando o poeta se aproxima do ponto final — é quando o poeta tem, por assim dizer, de se separar para sempre do venerável Mesaré, é quando elle tem de lhe dizer o derradeiro *Adieu*. Há muito que não leio um trecho tão eloquente em língua portugueza; há muito que não vejo vibrar tão prodigiosamente uma alma, dizer sobre o mundo d'um artista que foi grande, causas tão brilhantes — como este elogio final do poeta dos Chatiments, pelo poeta da *Musa em férias*:

Veltor Hugo, meu santo e divino Mestre, podes dormir serenamente na tua cama, porque aprovaste o teu dia! Ninguan, como tu, n'urna planice tão vasta rasgou um sulco tão profundo! E que a charrua eu da bronze, guida por Hercules, e tirada irruindamente a tem padeiras de leões!

Ah, em sei perfeitamente, meu enorme Poeta Todo-Poderoso, que, perante os dois infinitos do Tempo e do Espaço, toda a obra do homem, por maior que seja, é cinza vã, orgulho estéril, arguifão investid. Se as grandes obras do Creador — os mundos — se extinguem com: nimamente e se sepultam sem epitafio na vala comum (limitada) de firmamento, o que acontecerá então às obras dos homens — produções microscópicas d'um vislumbre de luz num instante da vida? Em todo caso a tua glória hão de durar cinquante, que é superficial, do globo fuzir tremulamente o logo futuro d'uma alma.

O tempo é o oceano. As ondas são os séculos. Ondas sem numero, n'um oceano sem rias! Pois bem; a tua glória alcantilada assemelha-se a um enorme castelo Gil, que o oceano do tempo hão de submergir irremediavelmente, continuamente, porco a porco, com os seus negros vagalhões silenciosos. Mas o que eu te posso afirmar, gigante, é que, quando a agua te dé pelos joelhos, já todos os postais do teu tempo estásão ha muito, de venga inclinado, no fundo do mar. E por mais que a maré crespa, por mais que as ondas desabem roventes e titânicas, eu estou convencido que tua cabeça olympica ha de ficar eternamente de pé, — olhando as estrelas.

E por isso que eu adio perfeitamente digo que o teu cadáver entre para a eternidade por um arco de triunfo, e que seja necessário desafiar um Deus para o ajojar a elas!

Quando um artista produz semelhantes obras-primas, quando um homem com uma pena sabe gravar em papel uma tal harmonia de palavras — eu não sei se chega a ser crime estar por vezes tanto tempo sem deixar que uma jaquelle d'aquele crancão te abra para o exul, para que nos vejamos evolher-se lá de dentro o bando triunfante das idéias! ■

Eu sei que Junqueiro tem um breve conlúcio a impressão da *Veltor do Pácie Eterno*, ha tanto tempo ambicionada. Mas em todo o caso o que nos todos devemos pedir é que amanha, de jostos, de maos perfeitas, que esse discípulo glorioso de Hugo, signe também o Mestre a esta

seu constante ao trabalho, n'este seu hábito de operário trabalhando todos os dias, produzindo todos os annos — o que fez com que elle vivesse uma vida regular e produzisse todos as obras em que tinha pensado — como Zola, como Daudet, dois homens docentes, mas que todos os annos produzem um volume.

As condições actuais do Junqueiro, para trabalhar, são excellentes, segundas deprechemos do que elle me escrevou ainda ha pouco tempo:

«Fui da Lisboa, e tijiquei patente Minho, alegre, lúvio resplandecente, para esse país de trancinhaldes de furtos, onde o vento não tem forse e a arvore não tem sede, onde a turva é um sonho, onde o azul e uma bendita, e onde a alma humana lindamente se põe em contemplação comunitária religiosa com a alma sagrada, a alma eterna da Natureza, nossa *Natura*. ■

Sómente o poeta, se me não engano, lico tempo do mais á sua janella a ver os prodígios da Natureza, e esquece que o artista não vem apenas ao mundo para olhar para as estrelas do firmamento — também tem que nos mostrar aquelas que brillam no firmamento azul da sua alma...

Mariano Pina.

P. S. — Acabo de receber uma carta de Eça de Queiroz que neste momento se acha em Brasil. O assunto é também Hugo. O illustre romancista do Primo Bazílio, apesar Hugo morreu, teve a idéia de escrever um opusculo sobre o poeta dos Chatiments e a sua influência na geração de Queiroz. Mas com este é um Hugoísta, assim como Junqueiro, naquelle momento não foi capaz de criticar, sabendo apenas deitar flores sobre o caixão. Atendendo ao discurso de Guerra Junqueiro, no Porto e no estudo que Eça desejou fazer logo em seguida á morte do poeta, o meu querido amigo escreve: «... Deante do Homem morto, foi-se-nas a idéia e a phrasa. Su sábenos agitar as palmas verdes da apoteose.» — Mas passado o momento do entusiasmo, Eça de Queiroz volta de novo á idéia do seu estudo sobre Hugo — estudo que elle destina á Ilustração e que nos vai ser enviado proximamente. E portanto á Ilustração que cabe a hora de dizer ao público, pelo menos de Eça de Queiroz, qual foi a influencia de Hugo sobre uma geração que contou e ainda conta nomes illustres, tais como António de Quental, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, José Pêra, Guilherme Braga, Anselmo d'Andrade, Oliveira Martins, Ramalho Orégão, etc., etc.

Esparo que este estudo começará a ser publicado no proximo numero do nosso jornal.

M. P.

Como os nossos leitores devem julgar pelo presente numero, apesar de muito reduzirmos as dimensões das nossas gravuras, não nos bastou o nosso habitual numero de paginas só para darmos as gravuras que apenas ditem respiro aos funeráres do grande poeta. Temos de lado ainda bastantes círculos que reclamam publicidade. Como tudo quanto diga respeito a Victor Hugo interessa profundamente todo o público, nés declaramo aos nossos compradores que não só no proximo numero 13, mas em outros futuros, iremos dando gravuras que são do maior interesse artístico e histórico. Assim no proximo numero publicaremos uma gravura de pagina, uma primorosa alegoria representando Victor Hugo e a sua obra — o poeta sentado numa cadeira e tendo em volta de si todos os personagens dos seus prodígiois dramas, romances e poemas.

AS NOSSAS GRAVURAS

## FUNERAIS DE VICTOR HUGO

Outro — pelos seus representações, as più vividas e o extrameio, assistiram aos mais soberbos funerários que já houveram a um grande homem por um grande país. Foi um a imóvel espetáculo que juntou mais pessoas, ser espetacular por todas quantas o contemplaram, e que as nossas Rainhas tiveram de fazer rever diante dos olhos d'aqueles que não puderam ser testemunhas.

Excedendo-seu decretos, inscrevendo a *nostra* leitura o que foi a 12 de Julho de 1885. Este entero, que foi um alegória, tomou proporções tais que os jornaes de todos os países do mundo se encaregaram; já de descrever pelo mundo os episódios d'esto morte e o brillantissimo d'este cortejo onde todos os países se fizeram representar, especialmente Portugal e Brazil.

Coroas Lusitanas no cortejo apareceram: uma magnifica de Gipati da *Notícias* do Rio de Janeiro, que foi coloada no 1º carro pelo correspondente em Paris d'aquella folha e nosso director Mariano Pina; e a illustre poeta Luiz Guimaraes; uma do jornal o *Paiz*, uma que foi muito aplaudida em todo o cortejo, da colônia francesa do Rio de Janeiro; e uma de se. Lopes Trovão, em nome d'un club republicano do Rio. Consta-nos que ainda haviam outras — mas não as vimos.

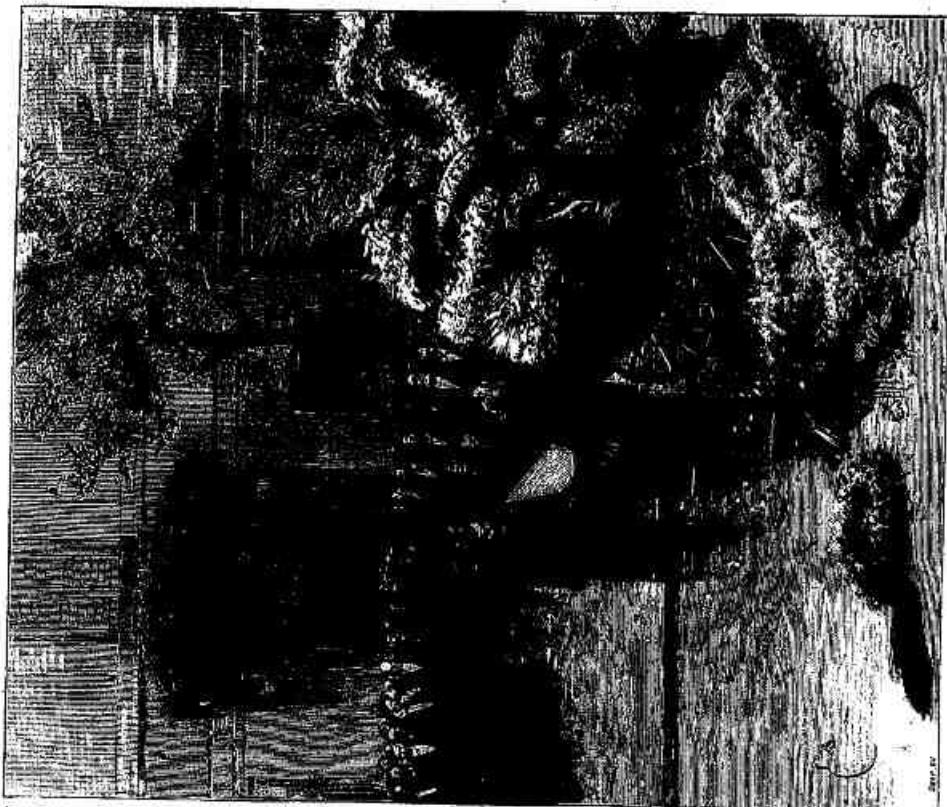
Coroas portuguesas no cortejo apareceram: uma magnifica em nome dos jornaes e homens de letras de Lisboa que nomearam seu representante em Paris o sr. Mariano Pina, acompanhado dos ss. Mariano de Carvalho e Chrysostomo Melicio, deputados, redactores da *Diário Popular* e da *Comércio de Portugal*, de passagem em Paris; vinte do nosso collegio Triglavos de Marul em nome do Século; vinte da *Folha Nova do Povo* e outras dos jornaes portugueses, ambos depositas por Joaquim Coimbra, o poeta conhecido pelo nome de Raul Díaz, que ha trez annos habita em Paris; e uma magnifica do *Escola Moderna* do Porto.

No cortejo o nosso director representava ainda este jornaal e a *Província do Porto*, o novo jornaal de que é director e redactor político o illustre historiador, Oliveira Martins.

Avá A Ilustração no seu ultimo numero mostrou aos seus leitores todas as coisas que diziam respeito á vida de Victor Hugo. N'este numero procuremos mostras-lhes o que se passou durante a sua morte. Pelas suas circunstâncias especiais, porque se impõe em Paris, a Ilustração julga que deve ser n'este momento o jornaal que mais deve interessar o público. E por este facto que hoje galgamos por cima de dificuldades e de sacrifícios, e tratamos de reunir tudo quanto existe de mais curioso e que mais valor histórico possue.

Avá A nossa primaria pagina representa Victor Hugo deitado no leito, já morto; representa um aspecto d'este Arco do Triunfo onde se erguiu o famoso catafalco; e mostra um pedaço do cortejo. O curioso desenho que a nossa gravura representa é devido a Adrien Marie, um dos fámosos desenhadores que tiveram a honra de ser admittidos no quarto funerário. Além d'este desenho representando Victor Hugo se encontra um círculo de poeta pinhado a fronte, um grande alto de fumense, um estudo em gesso de Dumas, e um retrato grande de Nansen.

Avá A Ilustração no seu proximo numero publica o desenho de Adrien Marie, que representa o círculo de poeta pinhado a fronte, um grande alto de fumense, um estudo em gesso de Dumas, e um retrato grande de Nansen.



A transladação do corpo da cara mortuaria para o Arco do Triunfo.



A cara de pista nas vespas da morte.



Dr. ALEX.

1000

111

卷之三

47

三

imponentíssimo. A cúpula tem vinte e nove metros, cincuenta e cinco centímetros de altura; o catafalco tinha vinte e dois.

O último detalhe do desenho de Adrien Marie são algumas croquis d'este imenso cortejo que levou cerca de 7 horas a passar, cortejo que encheu toda a distância que vai do Arco do Triunfo ao Panthéon, cortejo de mais de 300.000 pessoas atravessando uma multidão de mais d'um milhão de indivíduos. Era n'este cortejo que figuravam as mais belas coroas, que todas reunidas custavam para cima d'um milhão de francos (180 contos fortes).

\*\*\* Duas curiosas gravuras são as que representam a casa do poeta nas vespertas da sua morte e na madrugada em que o corpo foi transportado para o Arco de Triunfo.

Nas vespertas do falecimento, quando estavam perdidas todas as esperanças, a multidão que aglomerava à casa que tom o n.º 50 da avenida Victor Hugo, era extraordinária. Era gente de todas as classes — operários, burgueses, aristocratas e artistas; era gente de todos os países que vinha saber notícias do illustre enfermo cuja doença era n'aquele momento o cuidado de todo o mundo.

A trasladação do corpo foi scena de veras commovente. Ainda nos lembramos do grupo de poetas, Théodore de Banville e Catulle Mendès à frente, os olhos arrasados de lágrimas, sahindo da madrugada da casa mortuária e pedindo a multidão silenciosa que abrisse caminho para a passagem do caixão. Depois, pela volta das cinco horas da manhã de segunda-feira, 1.º de junho, as portas abriram-se de par em par, e o caixão foi colocado sobre este carro dos pobres todo coberto de coroas as mais ricas, de flores as mais raras, — seguindo para o Arco do Triunfo, onde o cadáver foi guardado pelo grupo dos poetas até à hora em que começaram os primeiros preparativos para a saída do cortejo.

\*\*\* Outra gravura realmente curiosa e de grande valor histórico é ainda esta página de Adrien Marie representando Victor Hugo à hora da morte rodeado da família, dos amigos íntimos e dos médicos. Pelos nomes indicados na parte inferior do nosso cliché os leitores terão ocasião de conhecer as physionomias de todos aqueles que assistiram aos últimos momentos do grande poeta. Adrien Marie que, como dissemos "mais scima", teve a honra d'entrar no quarto mortuário pouda, com o auxílio de fotografias, reconstituir toda esta scena bem dolorosa. É uma página de grande valor para todos quantos desejam saber como esta vida se extinguiu.

\*\*\* A nossa grande gravura do centro representa o Arco do Triunfo na madrugada do grande cortejo, quando o caixão foi colocado no imenso catafalco, à luz dos brândoles e dos fogos mortuários, protegido por uma guarda de honra de poetas.

\*\*\* A gravura do nosso suplemento representa o edifício do Panthéon onde Victor Hugo foi enterrado, ao lado do túmulo de Soufflot e a frente do túmulo de Jean-Jacques Rousseau — no momento em que o grande cortejo do dia 1.º de junho chega ao templo consagrado a Santa Genoveva por Napoleão I, e que a República transformou definitivamente em edifício de honra onde são enterrados os homens ilustres de França.

O Panthéon está situado ao fundo da rue Soufflot, em frente do Luxembourg, em pleno bairro *latin*, o bairro dos estudantes. Foi nas escadas do Panthéon que se colocaram todas as coroas que figuraram no cortejo, estas centenas de coroas que forem o esplendor da multidão que assistiu a esta assombrosa apoteose — e que estiveram expostas durante oito dias pelas imponentes escadarias d'aquele edifício.

\*\*\* A gravura que representa a passagem do cortejo pela praça e ponte da Concordia, não é menos curiosa. É elle que nos dá uma ideia do que foi este cortejo de mais de 300.000 pessoas, atravessando uma multidão de mais de um milhão de indivíduos.

O desenho foi tomado da entrada do boulevard St-Germain, vendo-se ainda à esquerda um pedago-

da Câmara dos deputados, e em toda a sua extensão a ponte e parte da praça da Concordia, a mais bela praça da Europa. Aqui, o aspecto era maravilhoso. Não sómente uma multidão assombrosa encheu toda esta imensa área, mas milhares de indivíduos tinham ido collocar-se em cima das estatutas que representavam as grandes cidades de França; em cima dos andicíos, das árvores, dos telhados e das chaminés...

Como curiosidade, querem saber a quanto sobrem os prejuízos causados nas árvores dos Campos-Elyseos, do boulevard Saint-Germain, Saint-Michel e Luxembourg? A cerca de 60 contos de reis fortes!

\*\*\* O retrato de Victor Hugo que hoje damos é a cópia exacta do retrato do morto feito pelo célebre pintor Bonnat uma hora depois do falecimento, e oferecido a Jorge Hugo, o neto do poeta.

Não poderíamos correr melhor esta série de gravuras senão pela reprodução d'este esquisse tão robusto e tão verdadeiro que o artista tão amavelmente dispensou à ILLUSTRAÇÃO, sendo o nosso jornal a os de Paris os únicos que têm a honra de publicar semelhante retrato.

#### HYMNO A VICTOR HUGO

\*\*\* Pareceu-nos também imensamente curioso oferecer n'este numero ás nossas leitoras o *Hymne à Victor Hugo* devidamente escrito pelo illustre compositor Camille Saint-Saëns, hymne que foi tocado pelas bandas militares de Paris no dia do cortejo, no momento em que começaram os discursos próximos do Arco de Triunfo. Esta publicação foi-nos amavelmente concedida pela casa Duran, Schœnwerck & C.º, uma das primeiras casas editoras de Paris. A obra que nós damos está reduzida para as proporções de piano. Mas as pessoas que desejam a orquestração completa poderão dirigir os seus pedidos á casa acima indicada, 4, place de la Madeleine, Paris.

No proximo numero esperamos oferecer aos nossos leitores uma magnifica gravura de duas paginas representando o GRAND PRIX de Paris. Trataremos também de dar publicidade a outras gravuras de momento que ficaram preteridas em vista da imensa quantidade d'elichés que nos vimos forçados a fazer, em consequencia da morte de Victor Hugo — como estas gravuras de MODAS que tanto agradaram entre as famílias que assinam a ILLUSTRAÇÃO.

## COFRES PARTIDOS

A Morte de Gonçalves Crespo

Onde não sei, mas li que um *príncipe*  
Houve que em certa vez, porque a ferir  
Fez estranho, contra o chão partira  
Um raro cofre de oriental beleza.

E quando ao golpe o escrinio se entreabriu,  
Como irisa lagrima repreza,  
Fulge o diamante, a perola, a saphira,  
Onix, a prazio, a pedraria acosa.

Como aquella *príncipeza* mysteriosa,  
Tu, contra a pedra tumular e fria,  
Vens de quebrar teu cofre cõr de rosa...

Ah! quem no cõlio as perolas mais puras  
Te recolhera, no final do dia...  
Doce musa gentil das Miniaturas!

ALBERTO DE OLIVEIRA



## AS LENDAS CHRISTÃS

(FRAGMENTO DE UM LIVRO INEDITO)

**A** REHABILITAÇÃO das classes inferiores da sociedade, antes do Christianismo já se achava reconhecida pela força das corporações obreiras que se haviam constituído em todos os pontos do Império romano. A propaganda christã escolhendo essas classes, e lisongeando-lhes a ignorância, fallou-lhes ao sabor das suas aspirações. Essas corporações em Roma tinham caracteres diferentes; os veteranos do império que regressavam à pátria ao fim de muitos anos de trabalho presidiário, desconhecidos e desprotegidos ligavam-se entre si em pequenos collegios, conservando na sua prática religiosa e nos seus banquetes trátricas as recordações dos cultos polytheistas das Gallias e da Hespanha, da África, da Ásia menor e Ásia anterior, que elles pela vulgar ignorância facilmente syncretizavam no seu espírito. Os escravos e os libertos das grandes casas aristocráticas formavam também corporações ligadas pelo vínculo da fraternidade e pelo sentimento religioso de uma outra vida, sentimento que dava á essas pequenas comunidades o destino de providenciarem sobre as sepulturas dos seus associados garantindo-lhes o comprimento dos deveres funerários para com elles. Nas corporações obreiras, em que se infiltrou o christianismo, dominava uma rigorosa hierarchia, que veio também a passar para a Egreja e para os cenobios e mosteiros. As primeiras comunidades christãs destinavam-se á commemoração dos seus martyres, aos deveres de conservação das suas sepulturas, e pelo banquete fraternal do *agape* conservavam o espírito de união com que mutuamente se fortaleciam. As associações operárias da plebe romana e das colônias estrangeiras que estavam em Roma tinham os seus deuses patronos: Minerva era a padroeira das associações de tecelões, pisoelhos, tintureiros, sapateiros, dos carpinteiros, dos cunfeiros, essa *vitil plebecula*, de que fala Sam Jeronymo como criadora da Egreja. Foi entre as associações obreiras de Roma que se desenvolveu o Christianismo, servindo a sua organização de Collegios para a primeira constituição da Egreja. A gente que constituía essas associações era os burriqueiros, os almocreves, os carreiros e arraia de jangadas, os sapateiros, carpinteiros, tintureiros, tuberneiros, pedreiros, cocheiros e actores, os padeiros e todos os escravos, libertos e estrangeiros que viviam em Roma. Entre esta gente rude foram recrutados os primeiros crentes, os *christi*, assim chamados pela vileza da sua vestimenta. As lendas evangélicas que se formaram entre estes *christi*, traziam a imagem do meio em que nasciam; assim os apóstolos eram pescadores, representados como *lenunculari* e *scapharit*; o próprio Sam Joseph era carpinteiro para os *fabri tigrari*, e mesmo Jesus era considerado no Evangelho da Infância como *tintureiro*: « Um certo dia o senhor Jesus brincando e correndo com outros rapazes passou pela officina de um tintoreiro que se chamava Salem; havia n'esta officina muitos panos pertencentes a diversas pessoas da cidade, e que Salem se preparava para tingir de diversas cores. Jesus, entrou na loja e arrojou tudo para a caldeira. Salem vendo os panos estragados, poz-se a gritar: — O que é que fazes, o filho de Maria? Prejudicaste-me á mim e á gente da cidade; cada um queria a sua cor, e tu botaste tudo a perder. — O senhor

Jesus respondeu: — Eu mudarei cada pano para a cér que tu quizeres. E começou a tirar os panos e cada um saía da cér que o tintureiro desejava. A Gustavo Brunet, diz que esta passagem é conhecida dos Persas, e que segundo o evangelho apócrifo *A infância de Jesus Christo*, elle exercera o ofício de tintureiro, sendo entre os Persas venerado como patrono dos tintureiros, e chamando-se ali as oficinas dos tintureiros officinas de Christo. (1)

Esta ienda confirma singulamente a significação da palavra *Chresti*, a cor distintiva dos escravos, e como se everemissem em um indivíduo manchado de tintas (as *chagas*) e coberto com uma capa vermelha (a *purple real*).

Compreende-se como é que o culto da Virgem foi em Roma, e em geral em todo o Ocidente, o meio mais activo de propaganda da nova religião; os estrangeiros e escravos vindos da Ásia menor, da África ou das ilhas do Mediterrâneo, traziam os seus cultos de Anatolia, de Mytilina ou de Venus, e facilmente aceitavam o patronato da deusa Minerva *communum* a todas as corporações operárias. A transformação fez-se espontaneamente, sendo a força das coisas mais poderosa do que a intervenção individual de um São Paulo, que teve o tino de aproveitar o correto. Algumas outras corporações tinham por patrono Baccho, a forma helenística dos deuses solares que se sacrificam morrendo prematuramente. Outros eram *cultores* Hérculis. Era este o campo em que se desenvolviam os *mythos* da *Natividade* e da *Paxixa*, prevalecendo um sobre o outro nôo grado o pleno outrinário da Egreja nascente. As associações romanas conservaram sempre um carácter religioso, que as Jurandas da Idade media foram perdendo, e de que vêmos o sentimento inicial ainda representado nos *symbolos* e *emblemas* que os ofícios tomavam parte na procissão anual de Corpus Christi, até ainda há muito tempo. Como nas nossas capitanias no dia do Corpo de Deus, as corporações romanas saíam em procissão com as suas insignias, quando a Egreja renegou as suas origens populares, não se esqueceu de condenar e perseguir as associações operárias, onde as vestes brancas, o incenso e o vinho eram elementos cultas, bem como a commemoração dos mortos, de que a Egreja, saída d'essas *Scholae* se roguava o uso exclusivo. Para esta obra destruição, os Papas serviram-se do fanatismo dos imperadores cristãos, que entregaram à igreja as suas dotações e riquezas.

A Igreja considerava-se depois do IV século como poderosos fócos de paganismo; portanto durante esses quatro séculos nas corporações de ofícios se elaboraram as lendas de origem oriental e occidental que foram redigidas nos Evangelhos apócrifos.

O Evangelho da *Natividade*, regoledo pela Igreja bem como o de *José o Carpinteiro*, representam as duas formas mais predominantes do polytheismo popular em Roma, o culto das Deusas-Mães, e o destino funerário das associações chamadas *Columbaria*, em que revive também o culto das cavernas e das lapinhas nas Catacumbas. Estas duas formas religiosas de associação vieram a confundir-se, ficando as *Columbaria* sob o patronato de Diana e de Cybele, e pelo hallucinação produzida pela implantação do culto da Deusa de Pessinunte em Roma, as mulheres formaram parte das novas sodalidades, e vieram a ser as agentes activas da propaganda do Christianismo pela transformação d'esses cultos no da Virgem M. H.ão de apparecer com certeza nos primeiros séculos da Igreja todos estes elementos polytheistas, os ritos da prostituição sagrada nos banquetes dos ágapes, e nos costumes das agapeas, nas lendas de Anna, de São João Baptista, e nos emblemas da pomba phalica, e na pedra de Pedro; os ritos funerários d'essas associações transfor-

mam-se na Iéuda de São José, que teve na Igreja um papel menos do que secundário. A razão d'essa última tendência está no fato de que no primeiro século permitiu-se a liberdade de associação para as corporações funerárias, de que o Christianismo sofreu aproveitar-se, e quando Septímio Severo permitiu essa liberdade às províncias, a propaganda da nova religião achou as condições de se espalhar pelas cidades do Império.

Muitos dos costumes modernos, como as *Fastas* no começo do anno, e a comemoração dos *Feiéis defuntos*, eram cerimónias das associações fúnebres de Roma conservadas na Igreja que se creou nesse meio.

Conhecido tal meia e a influência que exercem na formação evangelica, vejamos este período activo da credulidade popular, profundamente poético, d'onde a Arte moderna soube por iniciação genial tirar os seus temas. Toda essa florescência se acha recopilada nos *Evangelihos apocrifos*, que a Igreja desprezou. Gustave Brunet, no estudo que precede a sua tradução, diz d'elles: «Estas lendas eram poemas populares dos primeiros neophytes do culto novo; e fez a imaginação embelleceram-n-as incessantemente; ali se encontram fragmentos recolhíveis de composições em verso, que eram em certezza cantados.» [1] Depois de nos mostrar a relação que existe d'essas lendas para com as grandes épopeias literárias de Dante, Milton e Klopstock, o inteligente traductor, explicando uma popularidade sympathica de vinte e seis séculos, traçou o quadro histórico e moral em que se formaram esses Evangelhos: Os gentios ainda imbuidos das fabulas da mitologia, os judeus convertidos, porém com a cabeça cheia das maravilhas que inventava a imaginação dos rabbinos, esses neophytes da esperança, espalhados por Jerusalém, por Alexandreia e por Epiésis, não podiam vencer de reente a sua tendenciosa resistência ao novo credo.

ente a sua tendência para tais ficções. Foi sempre um característico dos povos do oriente o sustentar o conto, a parábola as matérias as mais graves. Nas lendas evangélicas apocryphas há o sentimento profundo e notável de uma fusão operada entre as opiniões antigas e os dogmas novos. (2) O culto d'um Mediador, o dogma da expiação apagado pelos orphicos, e até o próprio misticismo sobre que veiu a ser incorporado o cristianismo, eram crenças recentes comparadas com os velhos mythos populares do polytheismo. E por isso que os temas lendários, derivados do culto do Fogo, se renovaram nas lendas da *Natividade*, ao passo que o Evangelho só se refere à lenda mithrica da descendida aos infernos o mais moderno, e pouco anterior ao terceiro século. O estylo dos Evangelhos apocrifos condiz com o estado intellectual das classes operárias que repetiam as tradições, que o facto de serem escriptas se tornarem *Lendas*. « Redigidas no estylo popular das épocas e das lógaras que as viram nascer, esses escriptos eram de uma grande ingenuidade de stilo. Vê-se que elles foram traçados por homens sem arte; os rhetoricos da turbulenta Alexandria, da Grécia degenerada, não possuíam por ali. Muitas repetições, simplicidades e particularidades tocasantes e ingenuas, imagens preciosas, milagres que se podem considerar como parabolias engenhosas, às vezes trechos inadequadamente grandiosos e elevados, » tal é o seu caracter. (3). São estes os documentos conscientes que revelam a vida íntima da terceira geração evangélica; não foram ainda metidos a um systema de coordenação trunal por onde se reconstituam as tradições polytheistas que entraram no christianismo. Estes na época em que predominava a *disciplina arcana*, é n'elles que se enterram os eleitos mythicos que se dissolveram nas lendas da *Natividade*.

THEOPHILO BRAVO.

## A ARLESIANA

**P**or ir à aldeia, quando se desce do monte, passa-se diante d'un predio edificado proximo da estrada, no fundo d'um grande patio todo arborizado. É a casa do lavrador da Provença, com os telhados vermelhos, a larga fachada cinzenta irregularmente desribuida, depois lá no cimo o catavento do celeiro, a roldana para içar os molhos de trigo e os molhos de feno já bastante seco...

Por que motivo me causou impressão essa caza? Por que razão este portal sempre fechado me opprimio a alma? Nunca fui capaz de o explicar, e partindo esta casa causava-me calafrios. Havia em torno d'ella um demasiao silêncio... Quando alguém passava proximo, os cães não ladavam, e as gallinhas deixavam a fugir sem pior... Lá dentro, nem uma voz se queria... Nada, nada, nem mesmo o guiso Puma multa... Se não fossem as cortinas brancas das jacéllas e o fumo que subia dos telhados, ir-se-ia um sítio deshabitado.

Hontem, pela volta do meio dia, voltava da aldeia, e, para evitar o sol, seguia encostado aos muros da quinta, à sombra das árvores que se inclinam para fóra... Na estrada, em frente da habitação, moços silenciosos acabavam de carregar um carro de feno... O portão tinha ficado aberto. Lancei um olhar, quando passsei, e vi o fundo do patio, a cabeça entre as mãos, os novellos fincados sobre uma mesa de pedra, um grande velho todo branco, com um casaco muito curto e as calças em farrapos... Parei, e os homens disseram-me em voz baixa: -

— «Chut! é o patrão... Está assim desde que aconteceu no filho aquela grande desgraça...»

N'este momento uma mulher e um rapido, vestidos de preto, passaram perto de nós, entraram para a quinta. O homem acrescentou:

— «... A patrón e o fillo máis novo que  
voltan da missa. Lí onde ván todos os días,  
seude que o fillo se matou... Ai, meu querido  
enho, que tristeza!... O pae traz ainda o  
rito do morto; ningunha é capaz de lh' tirar...  
ohl bel animal!»

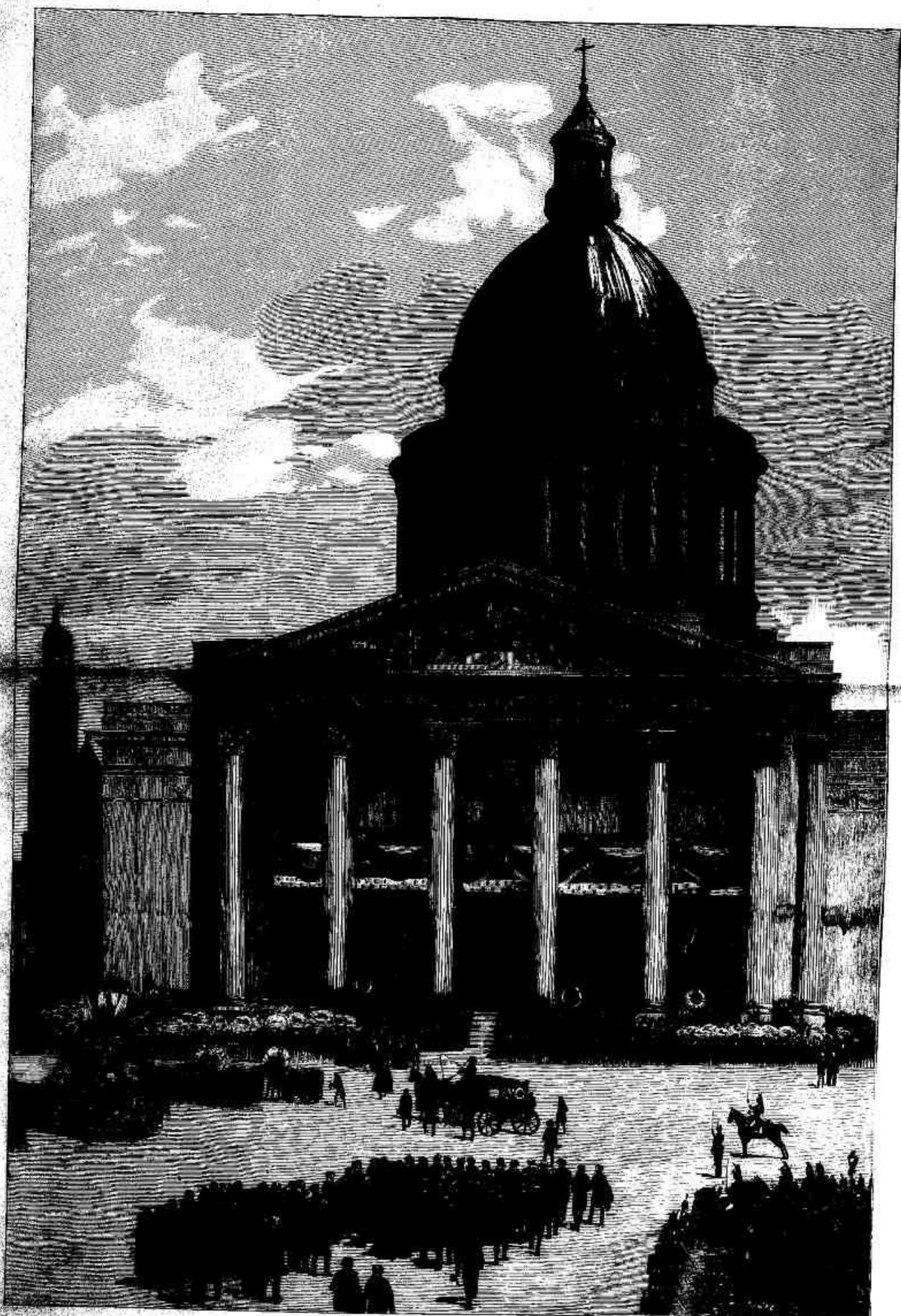
<sup>11</sup> *Les Evangiles apocryphes*, p. ii, Paris, 1863.

(2) *Ibid.*, p. vii.  
(3) *Ibid.*, p. vi.

400 *Journal of Health Politics*



OS FUNERAIS DE VICTOR HUGO. — A exposição do corpo sob o Arco do Triunfo.



OS FUNERAIS DE VICTOR HUGO — A chegada do cortejo ao Panthéon



prudentemente na via, compreendendo este numero 52 casos de suicídio. Dos 31 viajantes acima citados, devemos juntar 104 casos de morte de viajantes, 29 das quais devidas a quedas entre os comboios e entre os cais de chegada e de partida, e 41 por aquelles terem atravessado a via nas estações.

Entre os empregados de todas as classes, houve perto de 600 accidentes seguidos de morte, contando com os acidentes que tem lugar nos armazéns, durante os trabalhos de limpeza das gares, etc., etc.

**SOCIEDADE DE PSYCHOLOGIA PHYSIOLOGICA DE PARIS.** — Anunciamos aos nossos leitores a fundação recente de uma sociedade de psychologia physiologica, cujas estatutas, que não podemos reproduzir aqui, são em grande parte moldadas sobre as da Sociedade de biologia.

A nova Sociedade tem por fim o estudo dos fenômenos psychicos, no estudo normal e no estudo pathologico, pelos methodos de observação.

Comprece-se:

1.º De 30 membros titulares residentes em Paris;  
2.º De membros correspondentes nos departamentos.

A mesa é a seguinte:

Presidente, M. Charcot;  
Vice-presidentes, MM. P. Janet e Th. Ribot;  
Secretário geral, M. Ch. Richet;  
Secretários, MM. Ch. Féret e E. Gley;  
Tesoureiro, M. Ferrari.

Para os membros correspondentes a cotização anual foi provisoriamente fixada a 12 fr.

As pessoas que desejarem associar-se deverão dirigir-se a M. Ch. Richet, escritório da *Revue scientifique* ou ao escritório da *Revue philosophique*.

**UM NOVO PROJECTIL.** — Trata-se de um obus contendo 6 kilogrammas de gelatina explosiva, isto é 5 kilogrammas e meio de nitro-glicérida pura, com o qual se experimentou recentemente em Washington. Um canhão do calibre de 15 centímetros de carregar pela caladra lançou três destes obuses. O primeiro tiro foi dirigido sobre um alvo que ficou esmagalhado assim como o missão que o sustentava. O segundo e terceiro tiros foram dirigidos sobre um rochedo de grandes dimensões colocado a 90 metros de distância; o segundo feriu a extremidade ocidental do rochedo e faz explosão quebrando a rocha em um raio de 9 metros e produzindo muitas toneladas de destroços; o terceiro obus foi bater mesmo no centro do rochedo, no qual fez uma abertura de 7 metros de diâmetro e de 2 metros de profundidade. Os fragmentos da rocha projetados para todos os lados, foram lançados até 3.000 metros de distância. Um d'elles, pesando 6 kilogrammas, foi encontrado, enterrado no solo, a 2 quilômetros do campo de tiro.

Estas novas experiências demonstram a possibilidade, pelo emprego de obuses carregados com nitro-glicérida, de obter com canhões de pequeno calibre, efeitos tão consideráveis como os que até hoje pareciam exclusivamente reservados aos canhões de grande calibre. Quanto ao abalo do ar, era tal durante o tiro, que em muitas casas, situadas a mais de meio quilometro do alvo, os vidros das janelas ficaram quebrados.

**A FIRE ESCAPE.** — As escadas eléctricas de salvamento para incêndio, ou *fire escape*, estão muito espalhadas em todas as cidades da Inglaterra do mesmo modo que na America, mas tem o grande inconveniente de chegar sempre tarde ao lugar do sinistro. Vendo isto um engenheiro Americano teve a idéa, recorrendo à electricidade, de instalar em Pittsburg, em um hotel de sete andares, um sistema por meio do qual bastaria que o empregado que nunca deixava o escritório carregue com um botão, para logo serem acordados todos os viajantes em todos os quartos, abertas todas as janelas e desenroladas todas as escadas de salvamento que tem o comprimento necessário para atingir o solo.

**OS ALOJAMENTOS EM ANVERA DURANTE A EXPOSIÇÃO.** — Para suprir a insuficiência dos alojamentos durante a exposição, e para impedir uma exploração excessiva, a comissão instituída pela administração communal da cidade de Anvera distribuiu em sete categorias os quartos e habitações que estão para alugar. Os preços diários fixados para as diferentes classes de alojamento são: 15 fr., 10 fr., 8 fr., 6 fr., 4 fr., 2 fr., 5 fr. e 1 fr., 50. O almoço segundo o costume do paiz, a luz e o serviço estão compreendidos n'esta tarifa.

As grandes salas da exposição das bellas-arts estão terminadas ou terminarão brevemente. O todo é muito bonito, e a fachada tem um bello aspecto. O visitante acreditará dificilmente que toda esta construção é um simples tabique cuberto de estuque.

**O COMÉRCIO DAS LARANJAS EM FRANÇA.** — A abundância d'este fruto cresce de anno para anno nos mercados franceses: há cinquenta annos, a França recebia apenas 8,000 toneladas de laranjas; em 1884, importou 55,000, representando um valor de 13 milhões de francos.

Segundo o *Soir* que fornece esclarecimentos interessantes a este respeito, a Algeria, graças aos progressos da cultura das laranjeiras, fornece-nos actualmente 3,000 toneladas que são preciosas para o comércio o paiz o porto marselhes.

#### CONGRESSO E EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA EM ROMA.

— No dia 15 de outubro proximo, terá lugar em Roma no mesmo tempo que o congresso penitenciário, um congresso de anthropologia criminal. Os senhores alienistas e directores dos asilos poderão enviar com despesas photographias dos cruentes, estudos graficos, estatísticas sobre os cérebros dos criminosos, doidos, epilepticos, etc. Deverão dirigir-se a M. Beltrani-Scalva, conselheiro de Estado no ministerio do interior, Roma.

**CONGRESSO.** — O congresso arqueológico de França reunir-se-há este anno, na 52ª sessão em Montbrison (Loire). Esta sessão abrir-se-há no dia 25 de junho quinta-feira, às treze horas, na sala da Diana, e durará até quinta-feira 2 de julho inclusivamente. No decurso do Congresso terão lugar numerosas excursões arqueologicas.

**CONGRESO DE HIGIENE.** — Do 3 a 5 de setembro proximo, reunir-se-há em Budapest um congresso de higiene; tratar-se-há quasi exclusivamente de questões relativas à Hungria.

**INFLUENCIA DO CALOR E DA LUZ SOBRE A VEGETAÇÃO.** — *Ciel et Terre* publica os trabalhos de M. Hellriegel a este respeito. Este sabio ocupou-se primeiro da determinação da mais baixa temperatura à qual as sementes podem germinar, e distribuir as suas experiências por descoito espécies de plantas de cultura. As sementes regadas com agua distillada tinham sido mettidas em enormes vasos de terra vegetal que em seguida foram elevadas a temperaturas constantes, + 8°, 7, + 5°, + 3°, + 2°, e 0°, as quais foram conservadas durante um espaço de tempo variando entre 33 e 60 dias, observando-se as temperaturas do solo e o numero das sementes rebentadas.

Viu-se que o centeio e o trigo de inverno germinavam a 0°. A cevada e o aveia deixavam sair o cotiledón a 0°, mas a raiz não crescia sendo a 1°. O milho exigia 8°-7. O nabo germinava a 0°, o linho a 2°, a ervilha e o trevo a 2°, a fava e o tremoço a 3°, o espargos a 2°, a salsinha a 3° e a beterraba a 5°.

Depois introduziram-se sementes de cevada, em vasos e meios idênticos mas a diferentes temperaturas (10°, C, 20°, 30°, 40°, ar ambiente). A experiência durou desde 9 de agosto até 9 de novembro e viu-se

que a temperatura de 20° era a mais favorável para a cevada.

A função respiratória evige pouco calor e prosegue mesmo na ausência completa da luz. O calor e a luz pelo contrário são eminentemente favoráveis à assimilação do ácido carbonico e à sua transformação em carbono. A coloração da luz pareceu de pouca importância a M. Hellriegel.

**OS NOMES DOS PEQUENOS PLANETAS.** — Eis os nomes dados a estes asteroïdes com os dos autores da respectiva descoberta:

Phinton, n.º 244, descoberto por M. Palisa, chamado Sétia.

n.º 245, descoberto por M. Pogson, chamado Vera.

n.º 246, descoberto por M. Borrelly, chamado Asporina.

n.º 247, descoberto por M. Littler, chamado Eucrate.

## A ILLUSTRAÇÃO

Os nossos numeros do *Salon* e os que se referem à morte de Victor Hugo, vieram mais uma vez provar ao público da Portugal e do Brazil que é a ILLUSTRAÇÃO o unico jornal que em língua portuguesa se acha ao par dos primeiros jornais ilustrados de Berlim, Londres e Paris.

A ILLUSTRAÇÃO tem por fim não só reunir nas suas páginas gravuras que digram respeito aos dois países onde se fala a língua portuguesa, mas também gravuras de assuntos universais. O simples fato de se imprimir em Paris é garantia suficiente do valor dessas gravuras. Além disso, a exemplo do que se faz em Itália e na Alemanha pública em todos os numeros, duas ou duas páginas de MUSICAS NOTAVELIS PARA PIANO; e regularmente a última novidade de MODAS PARISIENAS.

Na sua parte Histórica a ILLUSTRAÇÃO tem publicado sempre artigos notáveis dos primeiros escritores de Portugal e do Brazil.

É por tanto a revista mais completa que se conhece e também a mais modicosa em preços, apesar do seu grande formato, do seu óptimo papel e do seu numero de páginas.

**PREÇO NO BRAZIL, 500 REIS CADA NÚMERO.**

## AS NOSSAS CAPAS

Lembramos a todos os nossos assinantes, que já se acham em poder dos correspondentes da ILLUSTRAÇÃO em Lisboa e Rio de Janeiro as últimas remessas de capas para encadernar o 1.º volume do 1.º anno da nossa revista.

Como dissemos em numeros anteriores, estas capas são de magnifica percalina vermelha, assetinada, com ornatos a ouro e preto, estylo Renascença, e feitas nas grandes oficinas de encadernação da casa Engel et C. de Paris.

Sendo estas as ultimas remessas, lembramos a todos os nossos assinantes que ainda não tenham estas luxuosas encadernações, a conveniencia de comunicarem os seus pedidos ao nosso agente em Lisboa, sr. David Cerazzi, 42, rua da Atalaia, — e ao nosso agente no Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, 70, rua do Ouvidor.

Apenas esgotadas estas remessas se poderão satisfazer novos pedidos em fins do anno de 1855, quando a ILLUSTRAÇÃO fizer a sua grande encomenda de capas para o 2.º volume d'este jornal.



VICTOR HUGO MORTO POR ROBERT

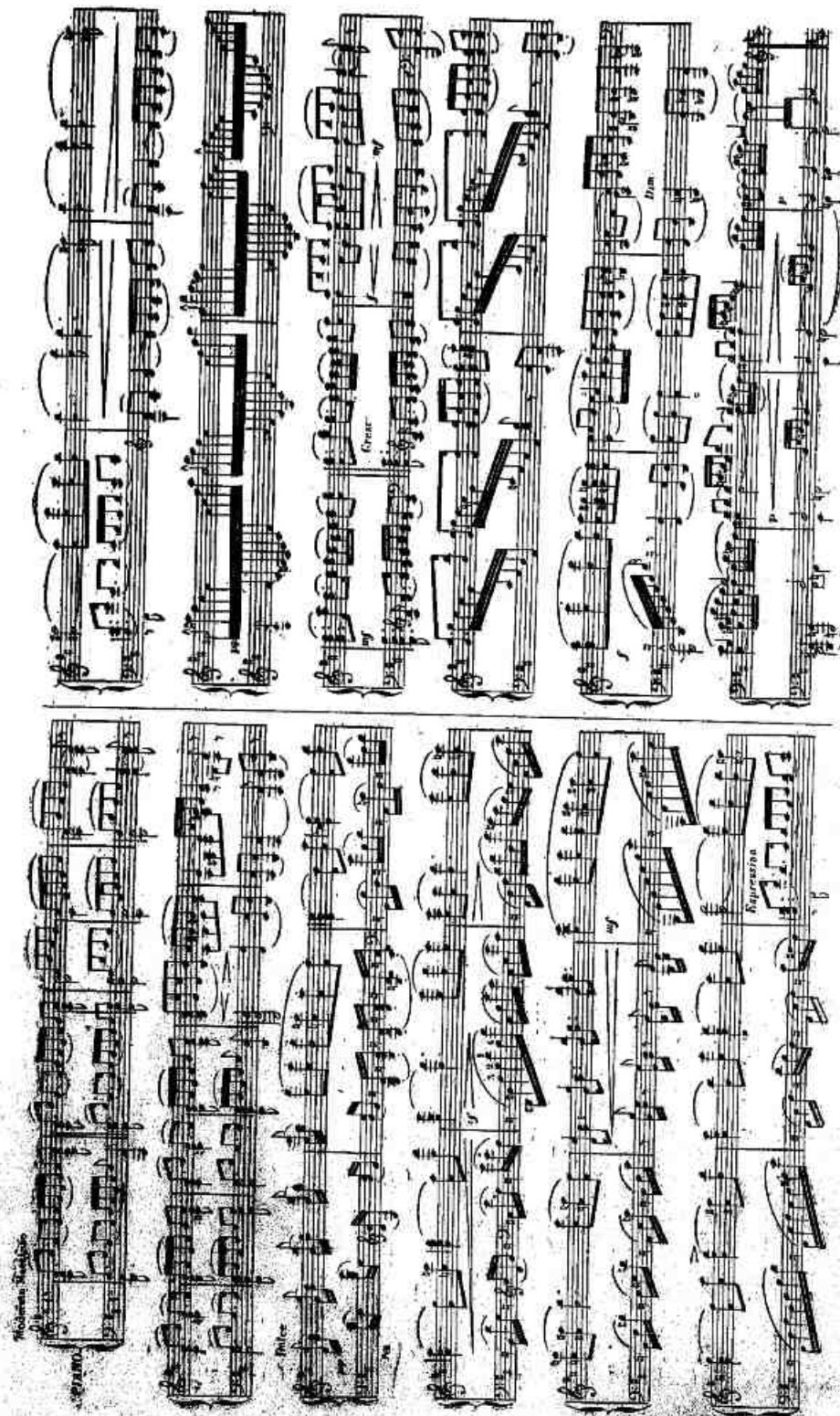


OS FUNERAIS DE VICTOR HUGO. — O cortejo na Ponte da Concordia.

HYMNO A VICTOR HUGO

POR CAMILLE SAINT-SAËNS

DURAND, SCHOENWERE et C.º, editores, 4<sup>a</sup> parte da Magdalena. Paris.



3 4

Tempo

Rit.

Brillante

Molto

Molto

Impresso na fábrica da Imprensa da Universidade de São Paulo

